



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Aquela paz barulhenta*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 49 de 05 de dezembro de 2013*

Não podemos pensar numa Igreja sem alegria porque Jesus, o seu esposo, estava cheio de alegria. Portanto, todos os cristãos devem viver com a mesma alegria no coração e anunciá-la até aos extremos confins do mundo. Em síntese, foi este o sentido da reflexão proposta pelo papa Francisco na manhã de terça-feira, **3 de Dezembro**, na homilia da missa celebrada na capela de Santa Marta, na memória do grande evangelizador Francisco Xavier.

«A palavra de Deus — iniciou o Pontífice — hoje fala-nos de paz e de alegria. Isaías na sua profecia (11, 1-10) diz-nos como serão os dias do Messias. Serão dias de paz». O evangelho de Lucas (10, 21-24) proclamado durante a liturgia ajuda a entender algo mais sobre Jesus. «Podemos entrever — especificou o Pontífice — um pouco a alma de Jesus, o coração de Jesus. Um coração alegre». De facto, estamos habituados a pensar em Jesus enquanto prega, cura, caminha pelas estradas para falar com as pessoas, ou quando está na cruz. Mas «não estamos muito habituados — disse o bispo de Roma — a pensar em Jesus sorridente e alegre. Jesus estava cheio de alegria». Aquela alegria, acrescentou o santo Padre, que «ele nos oferece. E esta alegria é a paz verdadeira. Não é uma paz estática, calma, tranquila: a paz cristã é jubilosa» porque Jesus é jubiloso, Deus é alegria.

«Na oração no início da missa — prosseguiu — pedimos a graça do fervor missionário para que a Igreja se alegre com novos filhos». Não podemos pensar numa «Igreja sem alegria», porque «Jesus quis que a sua esposa, a Igreja, fosse alegre». E «a alegria da Igreja consiste precisamente em anunciar o nome de Jesus» para poder dizer: «O meu esposo é o Senhor, é Deus» que «nos salva» e «nos acompanha».

Nesta alegria de esposa, a Igreja «torna-se mãe. Paulo VI — afirmou o Papa Francisco, recordando o ensinamento do seu predecessor — dizia: a alegria da Igreja consiste precisamente em evangelizar» e transmitir esta alegria «aos seus filhos».

Portanto, paz e alegria. «Sempre a alegria, porque — explicou o Santo Padre — deriva de uma declaração dogmática de Jesus que diz: decidiste assim, não te revelares aos sábios mas aos pequeninos. Inclusive nas coisas sérias, como esta, Jesus é alegre». Desta forma, também a Igreja deve ser alegre. Sempre, também «no período da sua viuvez», acrescentou, ela «é alegre na esperança». «Rezemos — concluiu — para que o Senhor dê a todos nós esta alegria».

Na missa celebrada na manhã de segunda-feira **2 de Dezembro**, o Pontífice convidou a deixar que Jesus nos encontre «com pouca vigilância, abertos», a fim de que ele possa renovar-nos a partir do fundo da nossa alma.

Começamos nestes dias, frisou, «um novo caminho de Igreja, um caminho do povo de Deus rumo ao Natal. E caminhamos para o encontro do Senhor». De facto, o Natal é um encontro: não só «um evento temporal — especificou o Pontífice — ou uma recordação de algo bom. O Natal é algo mais. Nós vamos por esta estrada para encontrar o Senhor». Portanto, no período do Advento «caminhamos para o encontrar. Encontrá-lo com o coração, com a vida; encontrá-lo vivo, como ele é; encontrá-lo com fé».

Na verdade, não é «fácil viver com a fé», frisou o bispo de Roma. E recordou o episódio do centurião que, segundo a narração do evangelho de Mateus (8, 5-11), se prostrou diante de Jesus para lhe pedir que curasse o seu servo. «O Senhor, na palavra que ouvimos — explicou o Papa — admirou-se com este centurião. Ficou surpreendido com a sua fé. Percorreu um caminho para se encontrar com o Senhor. Mas tinha-o feito com fé. Por isso não só se encontrou com o Senhor, mas sentiu a alegria de ter sido encontrado pelo Senhor. Este é precisamente o encontro que desejamos, o encontro da fé. Encontrarmo-nos com o Senhor, mas deixar também que ele nos encontre. É muito importante!». Portanto «começamos este caminho com a oração, a caridade e o louvor, de coração aberto, para que o Senhor se encontre connosco». Mas, na conclusão o Papa pediu, «por favor, que nos encontre disponíveis, abertos!».

Na missa de sexta-feira **29 de Novembro** o Papa exortou a «pensar de modo cristão» porque «um cristão não pensa só com a cabeça mas também com o coração e com o espírito que tem no íntimo». Praticamente — frisou o Pontífice — «o espírito do mundo não quer que nós nos questionemos diante de Deus: mas por que acontece isto?». E para nos distrair das perguntas essenciais, «propõe-nos um pensamento pret-á-porter, segundo os nossos gostos: eu penso como me agrada». Esta maneira de pensar «está bem» para o espírito do mundo; o que ele «não quer é o que nos pede Jesus: o pensamento livre, o pensamento de um homem e de uma mulher que são parte do povo de Deus». De resto, «a salvação foi esta: tornar-nos povo, povo de Deus. Ter liberdade». Porque «Jesus nos pede para pensar livremente, para pensar a fim de entender o

que acontece».

Certamente, advertiu o Papa Francisco, «sozinhos não podemos» fazer tudo: «temos necessidade da ajuda do Senhor, precisamos do Espírito Santo para compreender os sinais dos tempos». De facto, é precisamente o Espírito que nos doa «a inteligência para compreender». Trata-se de uma prenda pessoal oferecida a cada homem, graças à qual «entendemos porque nos acontece certas coisas» e «qual é a estrada que o Senhor quer» para a nossa vida. Eis a exortação conclusiva a «pedir ao Senhor Jesus a graça que nos envie o seu espírito de inteligência», a fim de que «não tenhamos um pensamento débil, uniforme, um pensamento segundo os nossos gostos», para termos ao contrário «um pensamento segundo Deus». E «com este pensamento — de mente, de coração e de alma — que é dom do Espírito», procurar entender «o que significam as coisas, entender bem os sinais dos tempos».

E no centro da reflexão da missa celebrada na quinta-feira **28 de Novembro**, estive a admoestação contra a proibição de adorar a Deus como sinal de uma «apostasia geral», a grande tentação que procura convencer os cristãos a empreender «um caminho mais racional e tranquilo», obedecendo «às ordens dos poderes mundanos» que pretendem reduzir «a religião a um facto particular». Não querem sobretudo que Deus seja adorado «com confiança e fidelidade».

A palavra de Deus recorda-nos, prosseguiu o Papa, como «os cristãos que sofrem tempos de perseguições, de proibição de adoração, são uma profecia daquilo que acontecerá a todos». Mas precisamente em momentos como este, isto é quando os tempos dos pagãos se realizarem, «erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima». Com efeito, explicou o bispo de Roma «o triunfo, a vitória de Jesus Cristo é levar a criação ao Pai no final dos tempos».

Mas não devemos temer. O Papa repetiu a promessa de Deus que «nos pede fidelidade e paciência. Fidelidade como Daniel, que foi fiel ao seu Deus e adorou a Deus até ao fim. E paciência, porque os cabelos da nossa cabeça não cairão, assim prometeu o Senhor». E concluiu exortando a reflectir, sobretudo esta semana, sobre «esta apostasia geral que se chama proibição de adoração». E a perguntarmo-nos: «Eu adoro o Senhor? Adoro Jesus Cristo o Senhor? Ou faço o jogo do príncipe deste mundo e adoro a meias? Adorar até ao fim com confiança e fidelidade é a graça que devemos pedir».